

O berço da nova democracia

CLAUDIO LYSIAS

Editor de Atualidades

Brasília

Os jornais do Rio e São Paulo costumam apresentar Brasília como um escritório. De acordo com eles, aqui protocola-se, delibera-se e despacha-se. A população não passa de uma mera coadjuvante desse vaivém de papéis, projetos, decretos de medidas de emergência e idas e vindas de ministros para o aeroporto. Nesse sentido, a imprensa do Sudeste/Sul parece-se com o atual poder. Para eles, Brasília também não passa de um escritório onde basta um cartão de ponto e uma fiscalização rigorosa do portelero para que os funcionários não tentem imitar o resto do País e resolvessem dizer que existem. Por isso, quando a população de Brasília buzinou, bateu panela e engarrafou de propósito a Esplanada dos Ministérios, ela surpreendeu a imprensa de fora, o general Newton Cruz e de quebra segmentos de esquerda certos de que um povo só caminha se for com muletas. As da ideologia, no caso.

Para quem está aqui há algum tempo, Brasília foi além do esperado. Mas não surpreendeu totalmente. Ela apenas sintetizou-se mais, como bem disse o companheiro Renato Riffa, com o momento de mudança que corta o País de norte a sul, mostrando ser a síntese perfeita de um Brasil que quer mudar e que vai mudar conscientemente. Brasília disse sim quando foi preciso e até nisso, ao fazer barulho com ordem, ela mostrou ser um resumo feliz do resto do País.

O que se diz desta cidade por aí não está no gibi. Algumas coisas são frias, só serve para governos totalitários, não tem esquinas, não tem lazer, é a capital da solidão, etc. Criou-se um mito em torno (e sobre) a cidade que a torna antipática até para os que não a conhecem sequer de cartão postal. Não vou fazer aqui a bobagem que fizeram os ipanemenses históricos na década de sessenta, ao cantarem as delícias do lugar e atrairam para lá a especulação imobiliária. Hoje Ipanema é um inferno e eles vivem chorando, lamentando-se por terem acele-

rado o "progresso". Brasília não precisa de que a defendam dessas acusações, pois na verdade ela não é uma cidade como as outras. Aquí tudo é possível, inclusive a solidão e o tédio profundos. Por que não?

Cada lugar tem a sua história e é preciso que se repita que uma cidade é o que seu habitante faz dela. O Rio, atualmente considerado uma cidade em decadência, principalmente por ter perdido boa parte de seu bom-humor, é uma cidade "pronta". Você não tem mais o desafio do espaço no Rio de Janeiro. O Oceano Atlântico está ali, as montanhas fabulosas te contemplam, um pouco escondidas pelos espigões, é certo, de modo que o melhor a fazer é dar um mergulho e olhar a paisagem. A solidão, em princípio, é uma coisa fora de propósito no Rio. Já São Paulo é diferente. Até bem pouco tempo, a cidade suportava calada os apelidos de "túmulo do Samba", "terra da garoa", etc. Foi preciso que Caetano Veloso fizesse uma música para a cidade começar a se amar e a se descobrir. Mas para quem chega, São Paulo também é uma cidade "pronta". Há shoppings, bons restaurantes, engarrafamentos e uma vida agitada, de um "pique" diferente.

Brasília é um desafio só. Quem chegar por aqui e pensar estar entrando em uma cidade como as outras, onde tudo está à espera, pronto e acabado, está muito enganado. Esta cidade precisa ser descoberta, o seu habitante precisa achar dentro dela o seu espaço; precisa explodir sua própria estrutura psicológica e enfrentar a realidade de que Brasília é uma cidade onde ainda há muito o que fazer e muito o que descobrir. Brasília tem uma psicologia própria. Para alguns, essa realidade é intransponível, mesmo porque, para eles, a vida continua em sua cidade de origem, mas basta ver as crianças daqui e reparar como elas já conseguem abrir espaços diferentes, como descobrem novas formas de convivência.

Brasília surpreendeu na terça e na quarta-feira passadas, mas apenas para dizer que ela não é a passarela de regimes autoritários, mas apenas o berço ainda virgem de uma nova democracia.